



ISSN: 1984-6266

Fatores determinantes do grau de excesso de confiança dos estudantes de Ciências Contábeis.

João Victor Joaquim dos Santos

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
falarcomjoavictor@yahoo.com.br

Yuri Gomes Paiva Azevedo

Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto
yuri_azevedo@live.com

Amanda Borges de Albuquerque Assunção

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
amandabaa@gmail.com

Anderson Luiz Rezende Mól

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
mol.ufrn@gmail.com

Recebimento:
24/07/2017

Aprovação:
01/08/2019

Editor responsável pela
aprovação do artigo:
Dr. Flaviano Costa

Editor responsável pela edição do
artigo:
Dra. Nayane Thays Kespi Musial

Avaliado pelo sistema:
Double Blind Review

A reprodução dos artigos, total ou parcial,
pode ser feita desde que citada a fonte.

Resumo

O presente estudo tem como objetivo investigar os fatores determinantes do excesso de confiança em estudantes de Ciências Contábeis matriculados em quatro instituições de ensino superior localizadas na cidade de Natal-RN. Através de uma pesquisa descritiva, *survey* e quantitativa, foram aplicados questionários presencialmente a 395 estudantes, sendo estes compostos por duas seções: (i) perfil dos respondentes e (ii) identificação do viés excesso de confiança, elaborado com base em Pompian (2006), com o intuito de verificar o índice de excesso de confiança (IEC) de cada participante. O IEC foi utilizado como variável dependente para o modelo proposto de identificação de fatores determinantes do grau de excesso de confiança, utilizando-se as regressões por Mínimos Quadrados Ordinários (MQO) e Beta. Os principais resultados demonstram que os participantes do estudo se apresentam, de forma geral, vulneráveis a tomar decisões sendo excessivamente confiantes em suas informações disponíveis. Além disso, os resultados obtidos nas regressões demonstram que as variáveis: idade, gênero masculino, os indivíduos casados e divorciados, empregados e empresários em relação à ocupação, bem com os discentes que auferem renda acima de nove salários mínimos podem ser consideradas fatores determinantes para o grau de excesso de confiança.

Palavras-chave: Vieses Cognitivos. Excesso de Confiança. Estudantes de Ciências Contábeis.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CONTABILIDADE
MESTRADO E DOUTORADO

DOI:
<http://dx.doi.org/10.5380/rcc.v11i1.54092>

DETERMINANT FACTORS OF ACCOUNTING STUDENTS OVERCONFIDENCE LEVEL

ABSTRACT

The study aims to investigate the determinants factors of overconfidence in accounting students who are enrolled in four higher education institutions located in the city of Natal-RN. Through a descriptive, survey and quantitative research, questionnaires were applied *in loco* to 395 students, which are composed of two sections: (i) respondents profile and (ii) identification of the overconfidence bias, based on Pompian (2006), with the purpose of verifying each participant's overconfidence index (OI). The OI was used as a dependent variable for the proposed model of identification of determinant factors of overconfidence degree, using the Ordinary Least Squares (OLS) and Beta regressions. The main results demonstrate that the study participants are generally vulnerable to making decisions being overconfident in their available information. In addition, the results obtained in the regressions show that the variables: age, male gender, married and divorced individuals, employees and entrepreneurs in relation to the occupation, as well as students who earn income above nine minimum wages can be considered as determinant factors for the overconfidence degree.

Keywords: Cognitive Biases. Overconfidence. Accounting Students.

1 Introdução

A convergência às normas internacionais de contabilidade emitidas pelo *International Accounting Standards Board* (IASB), implementadas no Brasil pelo Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC), tem como premissa a normatização baseada em princípios (*Common Law*) que, segundo Paulo, Carvalho e Girão (2014), buscam a melhor expressão da realidade econômica e financeira das entidades, necessitando assim, em determinados momentos, utilizar estimativas no processo de mensuração e/ou evidenciação.

Dessa forma, observa-se que, diferentemente do sistema de normatização baseada em regras (*Code Law*), caracterizado por uma orientação legalista, com evidenciação somente do que a lei determina, a normatização baseada em princípios aumenta a subjetividade dos procedimentos contábeis. Com isso, frequentemente o profissional contábil irá utilizar o seu juízo de valor.

Nesse contexto, considera-se que o comportamento racional dos contadores, ao tomarem decisões, torna-se ainda mais relevante, tendo em vista que esses devem tratar as informações de forma objetiva, não apresentando propensões, tendências ou aversões.

De acordo com Garcia, Olak, Clemente e Fadel (2012), o indivíduo é afetado pela racionalidade limitada quando está no processo de tomada de decisão pois é influenciado pelos vieses cognitivos. Dessa maneira, considera-se que esses vieses podem interferir na tomada de decisão dos contadores, tornando as informações fornecidas por estes profissionais sensíveis a distorções.

Essa perspectiva contrasta com as Teorias Tradicionais de Finanças, que são embasadas na ideia central de racionalidade ilimitada dos agentes econômicos. Assim, segundo esse pressuposto, o ser humano quando toma decisões em condições de incerteza é capaz de analisar todas as informações disponíveis e considerar todas as hipóteses existentes (Barberis & Thaler, 2003).

Dentre as principais teorias que compõem as Finanças Tradicionais, cita-se a Hipótese de Mercados Eficientes (HME), a Teoria Moderna dos Portfólios (TMP) e o Modelo de Precificação de ativos financeiros (CAPM). Todas essas teorias têm seu alicerce na Teoria Econômica Neoclássica, na qual o agente econômico toma decisões baseadas na racionalidade ilimitada, desconsiderando os aspectos psicológicos do comportamento humano (Thaler & Mullainathan, 2000).

No entanto, Tversky e Kahneman (1974) consideram que novos estudos trouxeram descobertas empíricas da existência de ilusões cognitivas e vieses comportamentais nas decisões financeiras, resultantes de processos heurísticos utilizados pelos humanos na tomada de decisões, em contraponto às Teorias Tradicionais de Finanças. Nessa perspectiva, Aguiar, Araújo, Carmo e Soeiro (2016) descrevem que os vieses cognitivos atuam de forma a reduzir as exigências de processamento de informações da tomada de decisão, principalmente em condições de incerteza, onde os tomadores de decisão incorrem em regras práticas de julgamento denominadas de heurísticas comportamentais.

Dentre os diversos tipos de vieses cognitivos ocasionados pelas heurísticas comportamentais, este estudo analisa o viés cognitivo excesso de confiança, que, de acordo com Oliveira (2011), está geralmente associado com heurística de representatividade, marcada pela associação por meio da similaridade de um evento específico com outros do mesmo tipo, diferentemente da heurística de ancoragem, quando existe a realização de ajustes em um determinado valor com base em antecedentes históricos e da heurística de disponibilidade, associada à facilidade com que um determinado fato é lembrado ou imaginado pelo tomador de decisão (Tversky & Kahneman, 1974).

Considerado por Pompian (2006) como um importante viés do comportamento humano que, na sua forma mais básica, pode ser resumido como a fé injustificada em um raciocínio intuitivo em julgamentos ou habilidades cognitivas, o viés excesso de confiança na tomada de decisão de operadores da contabilidade, como contadores e auditores, bem como por gestores, investidores, analistas e profissionais de investimento tem sido estudado tanto no âmbito nacional (Lucena, Fernandes & Silva, 2011; Sampaio, Bruni, Lima & Cordeiro, 2012; Pimenta, Borsato & Ribeiro, 2012; Silveira, Maia, Saes & Cruz, 2013; Aguiar et al., 2016), como no contexto internacional (Libby & Rennekamp, 2012; Lee, Miller, Velasquez & Wann, 2013; Ahmed & Duellman, 2013; Sharma & Shakeel, 2015).

No entanto, poucos estudos têm investigado o excesso de confiança no processo de formação dos futuros profissionais em Ciências Contábeis. Dentre os poucos ensaios, cita-se o estudo de Bar-Yosef e Venezia (2014), que analisou o viés em estudantes de contabilidade e em analistas nas previsões financeiras, assim como os fatores que impulsionam esse viés, bem como a pesquisa de Sampaio et al. (2012), que investigaram, através de um experimento, a presença do excesso de confiança em estudantes de cursos de Pós-Graduação de finanças, contabilidade e educação.

Tendo em vista as consequências advindas do viés excesso de confiança no processo de tomada de decisão, bem como a inexistência, no âmbito nacional, de estudos que investiguem fatores determinantes desse viés nos futuros profissionais de contabilidade, considerando como pressuposto a existência desse viés nos elementos da amostra, o presente estudo tem como objetivo investigar os fatores determinantes do excesso de confiança em estudantes do curso de Ciências Contábeis matriculados em quatro instituições de Ensino Superior localizadas na cidade do Natal-RN.

A relevância deste estudo se formaliza pela ampliação do entendimento do comportamento individual dos discentes do curso de Ciências Contábeis frente à tomada de decisão, bem como em relação às suas decisões tomadas sob condições de incertezas e sua vulnerabilidade aos vieses cognitivos.

O estudo também justifica-se pela importância de investigar se os estudantes de contabilidade sofrem efeitos do viés excesso de confiança, conforme sugerido por Lucena et al. (2011), bem como por identificar as características sociodemográficas dos indivíduos que influenciam no excesso de confiança (Pimenta et al., 2012).

Além dessa introdução, este estudo é composto por mais quatro seções. Na segunda seção apresenta-se o referencial teórico do estudo, que aborda conceitos acerca do viés excesso de confiança, bem como estudos empíricos realizados na área. A terceira seção demonstra os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa para o alcance do objetivo proposto. Na quarta, tem-se a análise dos resultados, para, por fim, apresentar as considerações finais, incluindo as limitações do estudo e sugestões para novas pesquisas.

2 Referencial Teórico

2.1 Excesso de Confiança

De acordo com De Bondt e Thaler (1995, p. 389), “talvez a descoberta mais robusta da psicologia do julgamento seja que as pessoas são excessivamente confiantes”. Dessa forma, Ferreira e Yu (2003) afirmam que o excesso de confiança (*overconfidence*) tem sua origem principal em vários erros cognitivos cometidos pelas pessoas quando tomam suas decisões.

Segundo Boguea e Barros (2008), diversos estudos evidenciam que a maior parte das pessoas se considera acima da média em relação às suas habilidades pessoais, como dirigir, senso de humor, relacionamento interpessoal e capacidade de liderar outras pessoas. Tratando de investidores, a maioria considera que a sua habilidade de vencer o mercado é maior do que a média das outras pessoas.

No tocante à sua definição, Pompian (2006) afirma que o excesso de confiança é a fé injustificada no raciocínio intuitivo dos indivíduos. Em suma, considera-se que as pessoas acreditam que são mais inteligentes do que as outras. Oliveira (2011) complementa, evidenciando que o excesso de confiança é uma crença em que a precisão de determinada informação é maior do que realmente é. Porém, esse viés pode prejudicar no processo decisório das pessoas, proporcionando, muitas vezes, um resultado diferente do desejado.

Para Sampaio et al. (2012), esses fatores psicológicos devem ser estudados no processo decisório, por isso, a existência de vieses cognitivos se torna frequente nas tomadas de decisão, sendo o excesso de confiança um dos mais relevantes e, por isso, tem-se apresentado como sendo um dos vieses mais estudados recentemente pela literatura de finanças.

Nessa perspectiva, observa-se que este viés tem sido mais percebido em homens e em atividades consideradas como masculinas, bem como quando o *feedback* é demorado ou inconclusivo (Barber & Odean, 1999; Barber & Odean, 2001). Tendo em vista que nos mercados financeiros a maior parte dos participantes é homem e o *feedback* é controverso, esses se apresentam como um cenário ideal para o excesso de confiança.

Segundo Freitas (2006), existem duas principais causas para a existência do excesso de confiança: em primeiro lugar, o intervalo que as pessoas dão para suas estimativas quantitativas é geralmente muito estreito, por exemplo, o intervalo máximo e mínimo que a cotação das ações da Petrobrás vai estar daqui a um mês. A segunda causa é que os investidores são mal calibrados quando estimam probabilidades.

Além disso, o excesso de confiança traz diversas consequências na tomada de decisão dos agentes. Conforme Barber e Odean (1999), esse viés eleva o número das negociações no mercado, porque faz com que os investidores se tornem muito convictos sobre suas próprias opiniões e não consideram suficientemente as opiniões dos outros, superavaliando as informações disponíveis.

Em relação às principais consequências do excesso de confiança, Barber e Odean (2001) afirmam que, quando os investidores são excessivamente confiantes, eles superestimam a sua capacidade de avaliar os investimentos. Assim, não observam as informações que podem indicar um alerta de que aquele investimento pode não ser rentável ou que deve ser vendido naquele momento para não dar prejuízo. Além disso, investidores com excesso de confiança podem negociar excessivamente seus papéis, achando que possuem informações especiais aos demais investidores. Isso pode gerar rendimentos não satisfatórios em longo prazo.

Os autores também evidenciam que os investidores confiantes podem subestimar seus riscos descendentes. Como resultado, eles inesperadamente podem ter um mal desempenho de suas carteiras. Por fim, investidores excessivamente confiantes constituem carteiras não diversificadas, tendo, assim, mais riscos sem uma mudança mensurável em risco-tolerância, aceitando, em alguns casos, mais risco do que seria normalmente aceitável.

2.2 Estudos recentes

Como contribuição recente relacionada ao tema excesso de confiança no âmbito internacional, destaca-se o estudo realizado por Libby e Rennekamp (2012), que realizaram um experimento com 57 estudantes de MBA (*Management Business Administration*), em uma Universidade Estadunidense, visando identificar se o viés de excesso de confiança interfere na forma com que os gestores tomam decisões gerenciais.

Os resultados do estudo realizado por Libby e Rennekamp (2012) demonstram que o excesso de confiança pode interferir na forma com os gestores tomam decisões, o chamado excesso de confiança gerencial. Além disso, observa-se que o excesso de confiança pode influenciar nas previsões de desempenho futuro dos gestores, bem como que esses atribuem maior peso a fatores internos que externos, quando a entidade apresenta bom desempenho.

Considerando que a relação entre o viés excesso de confiança e as decisões de investimento tem sido o foco de estudos recentes em contabilidade e finanças, Ahmed e Duellman (2013) objetivaram verificar o efeito do excesso de confiança no conservadorismo contábil, tendo como pressuposto que os gestores excessivamente confiantes superestimam os retornos futuros dos investimentos de suas empresas.

Dentre os principais resultados da pesquisa realizada por Ahmed e Duellman (2013), observa-se uma relação negativa entre o excesso de confiança de gestores e o conservadorismo contábil, verificando, assim, que os gestores suscetíveis ao viés tendem a atrasar o reconhecimento de perdas e utilizam, geralmente, uma contabilidade menos conservadora.

Ainda no contexto internacional, visando analisar o excesso de confiança nas previsões financeiras utilizando informações contábeis, bem como os fatores que impulsionam esse viés, Bar-Yosef e Venezia (2014) investigaram a relação do excesso de confiança com a complexidade das previsões financeiras e a quantidade de informações disponíveis para os investidores.

Por meio da realização de dois experimentos com discentes de contabilidade e de um experimento com analistas financeiros, Bar-Yosef e Venezia (2014) evidenciam que os analistas profissionais se apresentaram mais excessivamente confiantes do que os alunos de contabilidade na previsão dos preços das ações. Dentre as variáveis, a complexidade da previsão reduziu o excesso de confiança, no entanto, a familiaridade e as informações detalhadas para auxiliar os participantes nas previsões resultaram em um aumento do excesso de confiança.

No âmbito nacional, Lucena et al. (2011) investigaram a relação entre vieses comportamentais direcionados aos operadores da contabilidade, como contadores, auditores internos e externos, identificando, assim, que os auditores internos não sofreram com o excesso de confiança, apesar de a questão ter apresentado influência deste efeito para os operadores, tanto contadores, como para os auditores independentes.

De acordo com Lucena et al. (2011), o grupo que apresentou maior excesso de confiança foram os auditores independentes. Como fator, pode-se considerar que a faixa etária tenha sido determinante, pois constatou-se que a maioria se encontra numa classe de até 30 anos. Verifica-se, também, que os auditores internos não apresentaram excesso de confiança. Isto pode estar relacionado ao gênero, pois, quem mais respondeu o questionário desse grupo foram pessoas do gênero feminino, ou seja, pode ser que as mulheres apresentem menos ou nenhum excesso de confiança.

Visando analisar a presença do excesso de confiança em práticas relacionadas ao orçamento empresarial, Sampaio et al. (2012) investigaram se os profissionais com maior grau de envolvimento com as atividades relativas ao orçamento apresentam um nível diferenciado de excesso de confiança.

Através de um experimento com estudantes de cursos de Pós-Graduação de finanças, contabilidade e educação, Sampaio et al. (2012) evidenciam a presença estatisticamente significativa do excesso de confiança nas situações propostas pelo experimento. Além disso, ainda que de forma não significativa, as evidências

indicam que quanto maior o nível de envolvimento com práticas relacionadas com o processo orçamentário, maior o excesso de confiança apresentado pelos respondentes.

Por fim, tem-se o estudo de Aguiar et al. (2016), que tem como objetivo determinar o nível de presença de heurísticas comportamentais nas decisões de investimentos e descrever as relações entre o nível de heurísticas comportamentais e as variáveis gênero, idade, tempo de experiência em investimentos e a formação do investidor, a fim de explicar como estas relações caracterizam o viés cognitivo do excesso de confiança.

Dentre os principais resultados do estudo, Aguiar et al. (2016) descrevem que 70% dos questionários respondidos pelos investidores apresentaram índices positivos de heurísticas. Dentre as variáveis que se apresentaram estatisticamente significantes, a idade se mostrou positivamente relacionada ao índice de heurísticas, corroborando a hipótese do efeito confiança. No entanto, a variável experiência se mostrou negativamente relacionada à variável independente, refutando a hipótese do efeito confiança.

3 Procedimentos Metodológicos

3.1 Delimitação da Amostra de Pesquisa

A amostra inicial da pesquisa é composta por 430 estudantes do curso de Ciências Contábeis, de instituições públicas e privadas, na cidade de Natal/RN. No entanto, considerando que 35 questionários apresentaram informações incompletas, a amostra final foi composta por 395 estudantes.

Ressalta-se que a escolha por estudantes universitários se deu por acessibilidade, bem como por Sharma e Shakeel (2015) considerarem que os estudantes, em particular, são mais suscetíveis ao excesso de confiança que os demais indivíduos, pois estes tendem a superestimar suas notas e habilidades.

O processo de coleta de dados foi feito mediante aplicação presencial de questionários em quatro instituições domiciliadas na cidade de Natal, durante o período de abril a junho de 2015, sendo o questionário estruturado em duas partes. A primeira parte visou identificar as características socioeconômicas dos respondentes, possuindo questões acerca do gênero, idade, nome da instituição, período do curso em que se encontra, estado civil, inserção no mercado de trabalho e renda familiar.

A segunda parte é composta por oito questões propostas por Pompian (2006), buscando identificar a existência do viés de excesso de confiança, com o objetivo de mensurar o índice de excesso de confiança dos respondentes.

3.2 Modelo Econométrico

O índice foi calculado por meio da frequência de questões em que os alunos se apresentaram vulneráveis ao viés de acordo com a métrica proposta por Pompian (2006), em que o índice é a razão entre as questões em que os discentes apresentam-se propensos ao viés e o total de questões. Após o cálculo do índice de excesso de confiança, o resultado de cada indivíduo foi utilizado como variável dependente para o modelo proposto de identificação de fatores determinantes do grau de excesso de confiança dos discentes de Ciências Contábeis.

Estabelecida a variável dependente, foram definidas as variáveis independentes. Com base na literatura revisada, foi possível definir possíveis variáveis que influenciam o grau de excesso de confiança dos discentes, relacionadas na Tabela 1.

Tabela 1: Variáveis independentes da regressão

Variável	Sigla	Proxy	Grupo Base	Estudos	Sinal Esperado
Idade	IDADE	Idade dos discentes	-	Ferreira e Yu (2003); Bogeia e Barros (2008); Aguiar et al. (2016)	+
Masculino	MASC	Dummy 1 para discentes que são do gênero masculino	Gênero Feminino	Barber e Odean (2001); Ferreira e Yu (2003); Aguiar et al. (2016)	+
Período Acadêmico	PERIOD	Variável ordinal representando do primeiro ao último período acadêmico	-	-	-
Casado	CAS	Dummy 1 para discentes que são casados			+
Divorciado	DIV	Dummy 1 para discentes que são divorciados	Discentes solteiros	Pimenta et al. (2012)	+
Viúvo	VIUV	Dummy 1 para discentes que são viúvos			+
Empregado	EMPREG	Dummy 1 para discentes que são empregados			+
Autônomo	AUTO	Dummy 1 para discentes que são autônomos	Discentes desempregados	Pimenta et al. (2012)	-
Empresário	EMPRES	Dummy 1 para discentes que são empresários			+
Renda entre três e seis salários mínimos	RENDA3E6	Dummy 1 para discentes que possuem renda entre três e seis salários mínimos			+
Renda entre seis e nove salários mínimos	RENDA6E9	Dummy 1 para discentes que possuem renda entre seis e nove salários mínimos	Renda até três salários mínimos	Schrand e Zechman (2012)	+
Renda acima de nove salários mínimos	RENDAACIMA9	Dummy 1 para discentes que possuem renda acima de nove salários mínimos			+

Fonte: Elaborado pelos autores

Para verificar as variáveis independentes determinantes para o grau de excesso de confiança dos discentes, além da regressão por mínimos quadrados ordinários (MQO), utilizou-se o modelo de regressão beta, tendo em vista que, de acordo com Ferrari e Cribari (2004), o modelo é adequado para situações em que a variável dependente é contínua e restrita ao intervalo entre 0 e 1, como o índice de excesso de confiança (IEC) utilizado neste estudo, que é uma proporção. Diante disso, o modelo proposto é:

$$IEC_t = b_0 + b_1 IDADE + b_2 MASC + b_3 PERIOD + b_4 CAS + b_5 DIV + b_6 VIUV + b_7 EMPREG + b_8 AUTO + b_9 EMPRES + b_{10} RENDA3E6 + b_{11} RENDA6E9 + b_{12} RENDAACIMA9 + \varepsilon_t$$

Posteriormente à definição dos potenciais fatores explicativos, foram estabelecidos os sinais esperados de cada variável independente em relação ao índice de excesso de confiança dos discentes de Ciências Contábeis, tendo como base os estudos empíricos anteriores realizados na área.

Em relação à idade, espera-se que exista uma relação positiva, uma vez que Ferreira e Yu (2003) demonstram que indivíduos com uma maior idade são mais suscetíveis ao viés excesso de confiança, indicando, assim, que quanto maior a idade do indivíduo, maior o grau de excesso de confiança.

No tocante ao estado civil dos indivíduos, a expectativa dessa variável é que os grupos de casados, viúvos e divorciados apresentem uma relação positiva, tendo em vista que Pimenta et al. (2012) evidenciam que as pessoas casadas, divorciadas ou viúvas tendem a serem mais excessivamente confiantes.

Quanto ao gênero, pode-se considerar que os homens se apresentam mais vulneráveis ao viés excesso de confiança, uma vez que Barber e Odean (2001) evidenciam um maior excesso de confiança nos homens em comparação com as mulheres quando se trata de investimentos. No referido estudo, foi verificado que este viés supostamente levou os homens a negociarem 45% mais do que as mulheres.

Bogea e Barros (2008) confirmam essa perspectiva, evidenciando que o excesso de confiança tem sido mais evidenciado em homens e em atividades percebidas como masculinas. Espera-se então que esta variável tenha uma relação positiva para o gênero masculino.

Em relação ao período acadêmico em que se encontram os discentes, espera-se uma relação negativa para essa variável, uma vez que estudantes em períodos mais avançados podem apresentar menor índice de excesso de confiança, levando em consideração o conhecimento adquirido durante as disciplinas cursadas.

Em uma mesma perspectiva, espera-se uma relação negativa para indivíduos autônomos e uma relação positiva para pessoas do grupo empresário, tendo em vista que empresários tendem a serem mais excessivamente confiantes, enquanto que autônomos tendem a se apresentarem menos excessivamente confiantes para decisões de investimento (Pimenta et al., 2012)

Por fim, espera-se uma relação positiva para a variável renda, tendo em vista que, quanto maior a renda do discente, maior será o índice de excesso de confiança. Essa hipótese está sustentada nos achados do estudo realizado por Schrand e Zechman (2012), que identificaram que o nível salarial dos executivos se apresentou como uma variável significativa para explicar a presença do excesso de confiança em gestores.

4 Análise dos Dados

4.1 Perfil da Amostra

Nesta seção são apresentadas de forma descritiva as variáveis do estudo, com o objetivo de evidenciar o perfil dos respondentes. Diante disso, os dados coletados demonstram que, em relação às variáveis idade e gênero, os respondentes da pesquisa possuem idades entre 17 e 57 anos, com maior concentração de indivíduos entre 17 e 29 anos (81%). Além disso, pode-se observar uma homogeneidade no tocante ao gênero, tendo em vista que 203 estudantes são do gênero feminino (51%), enquanto que 192 são do gênero masculino (49%), conforme evidenciado na Tabela 2.

Tabela 2: Perfil dos Respondentes

Idade	Gênero				Total	
	Feminino		Masculino		Frequência	Percentual
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual		
17 a 29 anos	171	84%	150	78%	321	81%
30 a 39 anos	28	14%	33	17%	61	15%
40 a 49 anos	2	1%	6	3%	8	2%
50 a 57 anos	2	1%	3	2%	5	1%
Total	203	51%	192	49%	395	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Na sequência, apresenta-se a distribuição dos alunos participantes da pesquisa conforme instituição de ensino, na qual é possível observar que, do total de 395 respondentes, 209 estudam em instituições privadas, representando 53% do total da amostra, enquanto que os demais participantes (47%) são estudantes da única universidade pública pesquisada, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), como pode ser observado na Tabela 3.

Tabela 3: Instituições de Ensino

Instituição	Frequência	Percentual
UFRN	186	47%
UNP	57	14%
UNIP	34	9%
UNIFACEX	118	30%
Total	395	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação ao estado civil dos pesquisados, pode-se observar que 318 indivíduos (80%) responderam serem solteiros, 70 respondentes (18%) afirmaram serem casados, apenas sete indivíduos afirmaram serem divorciados e somente um estudante se caracterizou como viúvo.

Tabela 4: Estado Civil dos Respondentes

Estado Civil	Frequência	Percentual
Solteiro	318	81%
Casado	70	18%
Divorciado	6	2%
Viúvo	1	0%
Total	395	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Além das variáveis já apresentadas, a Tabela 5 apresenta a distribuição dos estudantes de acordo com o período acadêmico em que eles se encontravam no momento da pesquisa.

Tabela 5: Período Acadêmico dos Respondentes

Período	Frequência	Percentual
1º	17	4%
2º	38	10%
3º	90	23%
4º	50	13%
5º	105	27%
6º	24	6%
7º	45	11%
8º	23	6%
9º	2	1%
10º	1	0%
Total	395	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação ao período acadêmico dos estudantes, é possível observar que a maior frequência dos estudantes pesquisados está na metade do curso, quinto período 105 (27%). Em seguida, o período com maior número de estudantes foi o terceiro período, com 90 estudantes (23%), seguido do sétimo período com 45 indivíduos (11%).

Observa-se, então, que há uma distribuição de estudantes do primeiro ao oitavo período, porém o décimo e o nono período foram os que apresentaram menor número de estudantes, com dois e um indivíduos, respectivamente. Este fato é explicado por nem todas as universidades estudadas ofertarem o curso com 10 períodos, sendo oito períodos a duração do curso na maioria das universidades.

Em seguida, a Tabela 6 apresenta de forma descritiva a frequência dos estudantes em relação a variável “inserção no mercado de trabalho”.

Tabela 6: Atuação no mercado de trabalho

Inserção no Mercado de Trabalho	Frequência	Percentual
Empregado	228	58%
Autônomo	20	5%
Empresário	9	2%
Desempregado	138	35%
Total	395	100%

Fonte: Dados da pesquisa

A partir da Tabela 6, pode-se observar que a maioria dos estudantes pesquisados estão empregados, com um total de 228 (58%). Além disso, observa-se que 138 estudantes estão desempregados (35%). Os estudantes autônomos ou empresários tiveram uma frequência de vinte (5%) e nove (2%) estudantes, respectivamente.

Por fim, apresenta-se na Tabela 7 a última variável utilizada que diz respeito à renda familiar dos estudantes pesquisados.

Tabela 7: Renda familiar dos respondentes

Renda	Frequência	Percentual
Até 3 salários	191	48%
de 3 a 6 salários	114	29%
de 6 a 9 salários	44	11%
Acima de 9 salários	46	12%
Total	395	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação à renda familiar dos respondentes, percebe-se que 191 estudantes (48%) obtêm renda de até três salários mínimos, seguido pelos estudantes que obtêm renda compreendida entre três e seis salários, com 114 indivíduos (29%). Em menor frequência, verifica-se que o número de estudantes com renda familiar entre seis e nove salários foi de 44 (11%) e que os participantes com renda acima de nove salários apresentaram um total de 46 (12%).

4.2 Análises para Estimação do Índice de Excesso de Confiança

Após análise das questões que envolviam a presença ou não do viés do excesso de confiança, foi possível observar que os estudantes da cidade do Natal se apresentam vulneráveis ao viés na maioria das alternativas, como demonstra a Tabela 8.

Tabela 8: Análise das questões peso da baleia, distância até a lua e bolha de ações.

Identificação do viés	Peso da baleia		Distância até a lua		Bolha das ações	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Presença do viés	225	57%	365	92%	216	55%
Ausência do viés	170	43%	30	8%	179	45%

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 8 apresenta os resultados sobre as questões propostas por Pompian (2006), que buscavam analisar a capacidade de fazer estimativa do respondente em indicar quanto pesava uma baleia, qual era a distância da terra até a lua e sobre a previsão da bolha das ações, respectivamente. De acordo com o autor, os respondentes que especificam um intervalo muito pequeno para essas respostas provavelmente são suscetíveis ao viés do excesso de confiança.

Para fins de análise, foi considerado como pequeno intervalo as estimativas com intervalo menor que dez toneladas para a questão do peso da baleia e menor que 100 quilômetros para a questão da distância da terra até a lua, conforme métrica utilizada por Pompian (2006). Os resultados mostram que os respondentes são excessivamente confiantes em fazer estimativas, tendo em vista que, na questão peso da baleia, os estudantes fizeram estimativas muito próximas umas das outras, em 57% dos casos, e na questão da distância até a lua, em 92% dos casos, denotando, assim, que são suscetíveis ao viés.

A questão da bolha de ações buscava identificar o quão fácil os respondentes achavam prever o colapso da bolha imobiliária ocorrida em 2008. Nesse quesito quem considerava mais fácil a previsão era mais propensa ao viés. Assim, foi identificado que, em 55% dos casos, os estudantes consideravam fácil a previsão do colapso, mostrando, desse modo, que eles são vulneráveis a serem excessivamente confiantes em suas previsões.

As questões sobre retorno acima da média, controle sobre investimentos e relação com outros motoristas visam identificar como os respondentes se consideram em relação aos outros indivíduos, em situações diversas.

Tabela 9: Análise das questões retorno acima da média, controle sobre investimentos e relação com outros motoristas.

Identificação do viés	Retorno acima da média		Controle sobre investimentos		Relação com outros motoristas	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Presença do viés	208	53%	206	52%	276	70%
Ausência do viés	187	47%	189	48%	119	30%

Fonte: Dados da pesquisa

Ao serem questionados sobre qual retorno se esperava sobre seus investimentos em um determinado período, levando em consideração que a média no período foi de 10,4%, verificou-se que a maioria espera retornos acima da média do mercado, como mostra a Tabela 9. Os estudantes, em 53% dos casos, responderam que esperam receber retornos acima do que foi recebido pelos outros, denotando que são suscetíveis ao viés do excesso de confiança, conforme Pompian (2006).

Os resultados encontrados nas questões controle sobre investimentos e relação com outros motoristas evidenciam que a maioria dos respondentes afirmam ter controle em escolher investimentos que superam a média do mercado, além de se considerarem melhores motoristas em relação aos outros indivíduos.

De acordo com os resultados, pode-se observar que em 52% dos casos os estudantes se consideram capazes de escolher investimentos que trazem retornos maiores que os do mercado, além de responderem, em 70% dos casos, que se consideram melhores motoristas que os outros. Os dois resultados encontrados mostram que os estudantes apresentam características de pessoas excessivamente confiantes.

As questões sofisticação em investimentos e excesso de confiança nas informações dizem respeito a como os estudantes se consideram em relação ao nível de sofisticação em investimento e se eles consideram que há excesso de confiança em suas informações e conhecimentos a respeito dos investimentos.

Tabela 10: Análise das questões sofisticação em investimentos e excesso de confiança nas informações.

Identificação do viés	Sofisticação em investimentos		Excesso de confiança nas informações	
	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Presença do viés	142	36%	181	46%
Ausência do viés	253	64%	214	54%

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 10 evidencia que a maioria dos respondentes considera que o seu nível de sofisticação em investimentos é baixo, e ainda que, na maioria dos casos, não há excesso de confiança nas informações e nos conhecimentos ao tomarem suas decisões de investimento.

Observa-se que 64% dos estudantes afirma ter um nível “não sofisticado” em investimentos, e ainda afirma, em 54% dos casos, que em suas decisões de investimento não existe um excesso de confiança nas suas informações e conhecimentos. Isso indica que há uma baixa probabilidade dos estudantes serem demasiadamente confiantes para essas determinadas situações.

Diante disso, os resultados encontrados indicam que 75% dos estudantes de Ciências Contábeis pesquisados são propensos a apresentarem o viés de excesso de confiança, pois, de acordo com a métrica utilizada por Pompian (2006), em apenas duas das oito questões (25%) os respondentes não apresentam indicação do viés, sendo vulneráveis ao excesso de confiança em seis variáveis estudadas.

4.3 Fatores Determinantes do Grau de Excesso de Confiança

Por meio das estimações dos modelos MQO (1) e Beta (2), percebe-se que o período do curso e as *dummies* viúvo, autônomo, renda entre três e seis salários mínimos, bem como entre seis e nove salários mínimos não se apresentaram significativas para explicar o grau de excesso de confiança dos estudantes de Ciências Contábeis.

Tabela 11: Resultado das estimações dos modelos de identificação do grau de excesso de confiança.

Variáveis	(1) IEC	(2) IEC
IDADE	-0.00196 (-0.00170)	-0.01503* (-0.00771)
MASC	0.08250*** (-0.01788)	0.38301*** (-0.08068)
PERIOD	0.00698 (-0.00473)	0.01966 (-0.02130)
CAS	0.03041 (-0.02630)	0.23595** (-0.11853)
DIV	0.14545* (-0.07870)	1.24300*** (-0.38799)
VIUV	-0.10351 (-0.18288)	-0.19857 (-0.82116)

Variáveis	(1) IEC	(2) IEC
EMPREG	0.05262*** (-0.01924)	0.21373** (-0.08628)
AUTO	0.00964 (-0.04224)	-0.07961 (-0.18955)
EMPRES	0.14338** (-0.06056)	0.85017*** (-0.29002)
RENDA3E6	0.00071 (-0.02072)	0.06694 (-0.09308)
RENDA6E9	-0.01832 (-0.02918)	-0.01526 (-0.13098)
RENDAACIMA9	0.04122 (-0.02929)	0.24940* (-0.13366)
Constante	0.51857*** (-0.04624)	0.24701 (-0.20804)
Número de Observações	395	395

Fonte: Dados da pesquisa

Notas: Erro padrão entre parênteses. *** Estatisticamente significativa a 1%.

** Estatisticamente significativa a 5%. * Estatisticamente significativa a 10%.

Na regressão MQO, realizou-se o teste de Ramsey Reset para investigar se há variáveis independentes omissas no modelo. No entanto, por meio do teste, percebe-se que não há variáveis omissas, pois, a Prob > F foi 0.2668.

Considerando que os dados apresentaram normalidade mediante a realização do teste de Shapiro Wilk, que evidenciou a Prob > z = 0.6587, realizou-se o teste de Breusch-Pagan, a fim de identificar se o pressuposto da homocedasticidade é atendido. Como a Prob > chi2 obtida foi 0.4648, foi identificada a variância constante do termo de erro. Dessa forma, considerando que todos os pressupostos de Gauss Markov foram atendidos, incluindo a amostra aleatória e linearidade nos parâmetros, o modelo pode ser considerado como melhor estimador linear não viesado.

O pressuposto de média condicional zero também foi confirmado, levando em consideração a não correlação das variáveis independentes com o termo de erro, assim como o pressuposto de ausência de multicolinearidade severa, tendo em vista que o VIF médio é 1.18.

Os resultados obtidos nas regressões são significativos, tendo em vista que possuem uma Prob > F e Prob > Z = 0.0000. Dentre os regressores que se apresentaram significativos para explicar o grau de excesso de confiança, observa-se que as *dummies* MASC, DIV, EMPREG e EMPRES foram significativas em ambos os modelos para explicar o índice de excesso de confiança. No entanto, a variável IDADE, a um nível de 10%, a dummy CAS a um nível de 5% e a *dummy* RENDAACIMA9 a 1%, apresentaram-se significativas apenas na regressão Beta.

Dessa forma, pode-se considerar que o modelo MQO não consegue capturar esse efeito pelo fato da variável dependente ser mensurada em uma escala de proporção, pois o referido modelo não tem as características adequadas para a estimação. Nessa perspectiva, sugere-se para este modelo que a regressão Beta propicia resultados mais robustos que o MQO.

Ao analisar os regressores, percebe-se que a idade se apresenta significativa para explicar o grau de excesso de confiança dos discentes, ao nível de 10%. Entretanto, o coeficiente apresenta-se negativo, ou seja, quanto mais velho for o indivíduo, menor será o grau de excesso de confiança, contrapondo, assim, os achados de Ferreira e Yu (2003), Bodega e Barros (2008) e Aguiar et al. (2016).

No tocante ao gênero, foi identificado que a *dummy* MASC apresentou-se significativa ao nível de 1%. Nesse caso, verifica-se que os homens possuem uma probabilidade 38% maior de apresentarem um maior

grau de excesso de confiança, quando comparado às mulheres, corroborando, assim, com Barber e Odean (2001) e Ferreira e Yu (2003).

Em relação às *dummies* CAS e DIV, que se apresentaram significantes a 5% e 10%, respectivamente, observa-se que os indivíduos casados possuem 23% maior probabilidade de apresentarem um maior grau de excesso de confiança, quando comparados com os indivíduos solteiros, bem como que os respondentes divorciados apresentam 124% maior probabilidade que os solteiros, incluídos no grupo de controle.

Considera-se, então, que o estado civil dos estudantes de Ciências Contábeis influencia positivamente no índice de excesso de confiança. Este resultado corrobora parcialmente com o estudo de Pimenta et al. (2012), tendo em vista que a *dummy* VIUV se apresentou com coeficiente negativo, bem como não foi significativa.

Ao verificar se a ocupação dos estudantes de Ciências Contábeis influencia no grau de excesso de confiança, foi identificado que as *dummies* EMPREG e EMPRES, apresentaram coeficientes positivos e foram significantes a 5% e a 10%, respectivamente. A *dummy* AUTO apresentou sinal esperado negativo, diferentemente do evidenciado por Pimenta et al. (2012). No entanto, a variável não se apresentou significativa.

Por fim, ao verificar as *dummies* referentes à renda dos estudantes de Ciências Contábeis, observa-se que apenas a *dummy* RENDAACIMA9 apresenta-se significativa, ao nível de 1%. Dessa forma, quando comparados com os indivíduos que tem renda de até três salários mínimos (grupo base), os respondentes que auferem mais de nove salários mínimos mensalmente apresentam aproximadamente 25% maiores chances de ter um maior grau de excesso de confiança.

5 Considerações finais

O presente estudo visou investigar os fatores determinantes do excesso de confiança em 395 estudantes do curso de Ciências Contábeis, matriculados em quatro instituições de Ensino Superior, localizadas na cidade do Natal-RN.

Para atingir o objetivo proposto, realizou-se a coleta de dados por meio da aplicação de questionários estruturados em duas partes, sendo a primeira composta pelas características socioeconômicas dos respondentes e a segunda composta por oito questões propostas por Pompian (2006), buscando identificar a existência do viés de excesso de confiança.

Após identificar a existência do excesso de confiança nos estudantes que compõem a amostra do estudo, foi mensurado o índice de excesso de confiança dos respondentes, em que o resultado de cada indivíduo foi utilizado como variável dependente para o modelo proposto de identificação de fatores determinantes do grau de excesso de confiança dos discentes de Ciências Contábeis.

No tocante à existência do excesso de confiança, os resultados demonstraram que os indivíduos pesquisados se apresentam, de forma geral, vulneráveis a tomar decisões sendo excessivamente confiantes em suas informações disponíveis, tendo em vista que, em 75% das afirmativas investigadas, os estudantes apresentaram-se suscetíveis ao viés.

Considerando as consequências de uma decisão tomada com a presença do viés de excesso de confiança citadas nesse trabalho (Barber & Odean, 1999; Barber & Odean, 2001), observou-se que há uma tendência de que esses estudantes possam se tornar profissionais que tomam decisões com resultados diferentes do esperado, levando em consideração a confiança excessiva em suas informações disponíveis.

Em relação aos fatores determinantes para o grau de excesso de confiança dos discentes, identificou-se, através dos modelos MQO e Beta, que os homens possuem uma probabilidade 38% maior de apresentarem um maior grau de excesso de confiança, quando se comparado às mulheres.

Verificou-se também que indivíduos casados possuem 23% maior probabilidade de apresentarem um maior grau de excesso de confiança, quando comparados com os indivíduos solteiros, bem como que os respondentes divorciados apresentam 124% maior probabilidade que os solteiros.

Além disso, este estudo demonstrou que os indivíduos que auferem mais de nove salários mínimos mensais apresentam, aproximadamente, 25% maiores chances de terem um maior grau de excesso de confiança. Diante disso, pode-se concluir, então, que as variáveis: idade, gênero masculino, os indivíduos casados e divorciados, empregados e empresários em relação à ocupação, bem com os discentes que auferem renda acima de nove salários mínimos podem ser fatores determinantes para o grau de excesso de confiança.

Diante destes resultados, o presente estudo avança no sentido de fornecer evidências empíricas que os estudantes de Ciências Contábeis são vulneráveis ao viés excesso de confiança nas suas decisões, diferenciando-se dos estudos anteriormente já realizados, pois evidenciou quais são os fatores determinantes do viés excesso de confiança.

Como sugestão para futuras pesquisas, tem-se a possibilidade de expandir a amostra para estudantes de outras áreas, ou até profissionais, visando identificar similaridades ou divergências em relação ao perfil desses indivíduos. Além disso, sugere-se também a verificação de associações entre o viés pesquisado com outras variáveis demográficas e sociais dos indivíduos não utilizadas no presente estudo.

Referências

- Aguiar, E. S., Araújo, L. M. G., Carmo, T. S., & Soeiro, T. M. (2016). A influência de gênero, idade, formação e experiência nas decisões de investimentos: uma análise do efeito confiança. *Revista Evidenciação Contábil & Finanças*, 4(3), 44-55.
- Ahmed, A. S., & Duellman, S. (2013). Managerial overconfidence and accounting conservatism. *Journal of Accounting Research*, 51(1), 1-30.
- Bar-Yosef, S., & Venezia, I. (2014). An experimental study of overconfidence in accounting numbers predictions. *International Journal of Economic Sciences*, 3(1), 78-89.
- Barber, B. M., & Odean, T. (1999). The courage of misguided convictions. *Financial Analysts Journal*, 55(6), 41-55.
- Barber, B. M., & Odean, T. (2001). Boys will be boys: gender, overconfidence, and common stock investment. *The Quarterly Journal of Economics*, 116(1), 261- 292.
- Barberis, N., & Thaler, R. (2003). A survey of behavioral finance. In: G. M. Constantinides, M. Harris & R. M. Stulz (Eds.). *Handbook of the Economics of Finance* (Vol. 1, Cap. 18, pp.1053-1128). Elsevier.
- Bogea, F., & Barros, L. A. B. C. (2008). Processo de tomada de decisão do investidor individual brasileiro no mercado acionário nacional: um estudo exploratório enfocando o efeito disposição e os vieses da ancoragem e do excesso de confiança. *Revista Gestão & Regionalidade*, 24(71), 6-18.
- De Bondt, W. F. M., & Thaler, R. H. (1995). Financial decision-making in markets and firms: A behavioral perspective. In: R. A. Jarrow, V. Maksimovic & W. T. Ziemba (Eds.). *Handbooks in Operations Research and Management Science* (Vol. 9, Cap. 13, pp. 385-410). Amsterdam: Elsevier.
- Ferrari, S. & Cribari, F., Neto. (2004). Beta regression for modelling rates and proportions. *Journal of Applied Statistics*, 31(7), 799-815.
- Ferreira, C. F., & Yu, A. S. O. (2003). Todos acima da média: excesso de confiança em profissionais de finanças. *Revista de Administração da USP*, 38(2), 101-111.
- Freitas, A. U. (2006). *Avaliando o comportamento de gestor especialista em ações sob a ótica de behavioral finance*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Economia e Finanças IBMEC, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Garcia, R., Olak, P. A., Clemente, A., & Fadel, B. (2012). Teoria dos prospectos: vieses da percepção do usuário da informação no processo decisório. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, 13(1), 31-40.
- Lee, K., Miller, S., Velasquez, N., & Wann, C. (2013). The effect of investor bias and gender on portfolio performance and risk. *The International Journal of Business and Finance Research*, 7(1), 1-16.

- Libby, R., & Rennekamp, K. M. (2012). Self-serving attribution bias, overconfidence, and the issuance of management forecasts. *Journal of Accounting Research*, 50(1), 197-231.
- Lucena, W. G. L., Fernandes, M. S. A., & Silva, J. D. G. (2011). A contabilidade comportamental e os efeitos cognitivos no processo decisório: uma amostra com operadores da contabilidade. *Revista Universo Contábil*, 7(3), 41-58.
- Oliveira, L. E., Neto. (2011). *O impacto das decisões de investimentos estratégicos sobre o valor de mercado das empresas quando tomadas por gestores otimistas e excessivamente confiantes*. Tese de doutorado, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil.
- Paulo, E., Carvalho, L. N. G., & Girão, L. F. A. P. (2014). Algumas questões sobre a normatização contábil baseada em princípios, regras e objetivos. *Revista Evidenciação Contábil & Finanças*, 2(2), 24-39.
- Pimenta, D. P., Borsato, J. M. L. S., & Ribeiro, K. C. S. (2012). Um estudo sobre a influência das características sociodemográficas e do excesso de confiança nas decisões dos investidores, analistas e profissionais de investimento à luz das finanças comportamentais. *Revista de Gestão*, 19(2), 263-280.
- Pompian, M. M. (2006). *Behavioral finance and wealth management: How to build optimal portfolios that account for investor biases*. New Jersey: Wiley.
- Sampaio, M. S., Bruni, A. L., Lima, R. N. L., Filho, & Cordeiro, J. B., Filho. (2012). Excesso de confiança e controladoria: um estudo envolvendo práticas orçamentárias. *Revista de Finanças Aplicadas*, 1(1), 2-20.
- Sharma, V., & Shakeel, M. (2015). Illusion versus reality: an empirical study of overconfidence and self attribution bias in business management students. *Journal of Education for Business*, 90(4), 199-207.
- Schrand, C. M., & Zechman, S. L. C. (2012). Executive overconfidence and the slippery slope to financial misreporting. *Journal of Accounting and Economics*, 53(1-2), 311-329.
- Silveira, R. L. L., Maia, A. G., Saes, M. S. M., & Cruz, J. C., Jr. (2013). Excesso de confiança em relação aos preços de venda: um estudo entre cafeicultores. *Revista de Administração da Universidade de São Paulo*, 48(3), 399-408.
- Thaler, R. H., & Mullainathan, S. (2000). Behavioral economics [Working Paper N° 7948]. *National Bureau of Economic Research*, Cambridge, MA.
- Tversky, A., & Kahneman, D. (1974). Judgment under Uncertainty: Heuristics and Biases. *Science*, 185(4157), 1124-1131.

DADOS DOS AUTORES

João Victor Joaquim dos Santos

Mestre em Ciências Contábeis pela UFRN
Endereço: Av. Sen. Salgado Filho, 3000 – Candelária.
CEP: 59078-970 – Natal/RN – Brasil.
E-mail: falarcomjoavictor@yahoo.com.br
Telefone: (84) 99612-4171

Yuri Gomes Paiva Azevedo

Doutorando em Controladoria e Contabilidade pela FEA-RP/USP
Endereço: Av. Bandeirantes, 3900 – Vila Monte Alegre.
CEP: 14040-905 – Ribeirão Preto – SP – Brasil.
Email: yuri_azevedo@live.com
Telefone: (84) 99113-2772

Amanda Borges de Albuquerque Assunção

Doutora em Administração pela UFRN

Professora efetiva da UFRN

Endereço: Av. Sen. Salgado Filho, 3000 – Candelária.

CEP: 59078-970 - Natal/RN – Brasil.

Email: amandabaa@gmail.com

Telefone: (84) 3215-3486

Anderson Luiz Rezende Mól

Doutor em Administração pela UFLA

Professor do Mestrado e Doutorado em Administração da UFRN

Endereço: Av. Sen. Salgado Filho, 3000 – Candelária.

CEP: 59078-970 – Natal/RN – Brasil.

Email: mol.ufrn@gmail.com

Telefone: (84) 3215-3536

Contribuição dos Autores:

Contribuição	João dos Santos	Yuri Azevedo	Amanda Assunção	Anderson Mól
1. Concepção do assunto e tema da pesquisa			√	
2. Definição do problema de pesquisa	√		√	
3. Desenvolvimento das hipóteses e constructos da pesquisa (trabalhos teórico-empíricos)	√			
4. Desenvolvimento das proposições teóricas (trabalhos teóricos os ensaios teóricos)				
5. Desenvolvimento da plataforma teórica	√			
6. Delineamento dos procedimentos metodológicos	√		√	
7. Processo de coleta de dados	√			
8. Análises estatísticas		√		√
9. Análises e interpretações dos dados coletados		√		
10. Considerações finais ou conclusões da pesquisa		√		
11. Revisão crítica do manuscrito		√	√	√
12. Redação do manuscrito	√	√		